

Curandeiros querem ser enquadrados

«Gostaríamos de ter machamba para produzirmos comida. E nas horas vagas trataríamos dos nossos doentes» — palavras de Manuel Tivane, um dos curandeiros com quem a semana passada contactámos num posto de evacuação, num dos bairros da cidade de Maputo.

A sua opinião é compartilhada por outras dezenas de curandeiros que foram abrangidos pela «Operação Produção» e que aguardam destino.

Iniciada a fase compulsiva da «Operação Produção», os curandeiros, assim como outros indivíduos que têm ocupação não devidamente comprovada, foram detidos e encaminhados para os postos de verificação e depois para os centros de evacuação.

Alguns desses curandeiros che-

garam a ser encaminhados para o Niassa e Cabo Delgado, onde foram afectados em tarefas produtivas. Mas numa dessas viagens de avião, um grupo de curandeiros entrou em sessões de espiritismo, em pleno voo, o que criou pânico entre os restantes passageiros e tripulação. A partir daí, os comandantes



Francisco Come, curandeiro há mais de 25 anos

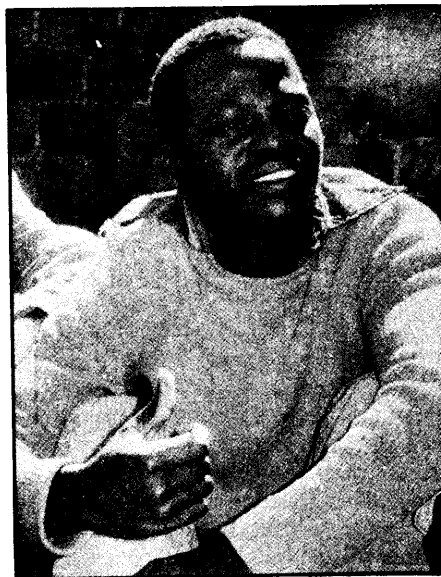
das aeronaves da LAM recusaram-se a transportar curandeiros por razões de segurança.

Por essa razão, escolheu-se um centro de evacuação num dos bairros da cidade de Maputo, para onde os curandeiros estão a ser encaminhados, e onde aguardam que o seu caso seja estudado.

Fomos lá ter com eles, para tirar uns «dedos» de conversa. Estávamos com receio de que não falassem à vontade, mas aconteceu precisamente o contrário: sentaram-se à nossa volta e, muito à vontade falaram sobre a sua «profissão».

Francisco Come disse-nos que é curandeiro há mais de 25 anos. «Temos um centro lá na Machava, uma espécie de associação que alberga cerca de 300 curandeiros. Já temos mais de setenta contos no banco e pretendíamos abrir uma machamba colectiva e criar animais de pequena espécie, lá para os lados de Bunhiça».

Quisemos saber o que é que eles faziam lá no tal centro e Manuel Tivane disse: «Nós tínhamos encontros frequentes entre curandeiros. Fazíamos levantamentos dos



«Estava a aprender a ser curandeiro» — Sansão Moiane

diversos tipos de medicamentos. E esses medicamentos eram levados pelos médicos para se fazerem análises. E cada um de nós levava a sua experiência a esses encontros, para transmitir aos outros. Eu, por exemplo, sei curar muito bem uma

mulher que tenha confusões no útero e que não consiga ficar grávida».

Entre os nossos entrevistados, estava um jovem de cerca de 25 anos de idade, que também entrou na conversa. Chamava-se Sansão Moiane, e começou por dizer: «Eu



«Fazíamos levantamento dos diversos tipos de medicamentos» — Manuel Tivane



Um grupo de curandeiros em conversa com a nossa reportagem

fiquei muito doente e lá no hospital não conseguiram curar-me. Fui ao curandeiro e lá os espíritos dos meus defuntos saíram e começaram a falar. Reconheci a voz de um familiar meu, que morreu há muito tempo. Depois o curandeiro deu-me medicamentos e fiquei me-

lhor. Só que eu não podia ir logo para casa, porque os meus defuntos disseram que eu tinha de ser curandeiro. Por isso, fiquei lá em casa do curandeiro a aprender com ele e já percebo alguma coisa».

Um outro curandeiro, o Alexandre Faife, disse que trabalhava na

«SOGERE», mas teve de largar o emprego em 1979, «porque os espíritos não me deixavam trabalhar. Já tinha começado a actividade de curandeiro em 1977».

Falavam como se se tratasse de um desabafo. Nos seus rostos uma nuvem de preocupação não escapou à nossa vista. Estavam de facto preocupados com a sua situação. Disseram-nos que têm filhos, mulher, família. E que eles é que os sustentam.

Concordam que a sua actividade não lhes ocupa o tempo inteiro e que por essa razão podem ser considerados improdutos. Mas acham que são úteis à sociedade e que o que de facto necessitam é de enquadramento.

«Em Maputo ou noutra lado qualquer nós podemos provar que sabemos curar certas doenças. E se nos derem as condições que necessitamos para produzir, fazer machamba para conseguir comida, nós não somos preguiçosos» — garantiu Francisco Come. □